

SINCRETISMO DA CRENÇA NO BRASIL DO SÉCULO XVI.

SÔNIA A. SIQUEIRA

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O colono teve de se aproximar do índio, mormente nos primeiros séculos; para poder subsistir no meio estranho, para conseguir fixar-se no solo novo (1). O anseio de submeter o índio foi o ponto central das idéias da colonização: expropriar seu território, escravisa-lo, des-tribaliza-lo. O missionário dedicou-se ao selvícola desde sua chegada ao Brasil: pôs na sua convivência o fim ideal de sua vida (2). Duas atitudes diversas a convergirem para o mesmo ponto: a coexistência com o selvagem. No entanto se um quer integrar o outro que usar. Ambos destroem.

Do negro aproximou-se o senhor deliberada e conscientemente quando promoveu seu tráfico. Pela própria estrutura da sociedade que se erigia, foi-se o africano infiltrando no convívio do europeu e junto com ele dele passou a viver.

(1). — "... A primeira cousa que pretendem adquirir são escravos para lhes fazerem suas fazendas, e se uma pessoa chega na terra a alcançar dois pares ou meia dúzia deles (ainda que outra cousa não tenha de seu) logo tem remédio para poder honradamente sustentar sua família: porque um lhe pesca e outro lhe caça. os outros lhe cultivam e grangeam suas roças e desta maneira não fazem os homens despesas em mantimento com seus escravos, nem com suas pessoas". Gandavo (Pero de Magalhães): *Tratado Geral do Brasil* cap. IV, pág. 34.

(2). — "El privilegio de los operarios se vey, porque os es dado a vosotros specialmente, no solo hazer mucho bien, pero aun el padezer mucho mal y trabajo por Chisto nuestro Señor, poniendo, ultra de la industria, tambien la vida, en tan continuos peligros por su servicio y en modo muy special, imitando en el exercitio y merito sus santos apostoles y discípulos, trayendo su nombre y conocimiento a las gentes, y viviendo y moriendo entre ellas por sua gloria y ayuda de sus muy amadas animas". Carta do Pe. Diego Lainez aos padres e irmãos de Brasil e da India. Roma, 1-12-1558. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas* (São Paulo, 1954), vol, III pág. 8,

A escravização dos naturais da terra foi decorrência natural da ocupação. Legalizada ou tornada aparentemente legal através de mil subterfúgios (3), impôs os contactos. A ela imolaram os colonos a paz de sua consciência. Era-lhes tão importante que não se importavam com os conflitos ou com as sanções excomunicatórias que lhes acarretava (4). O clero era conivente, talvez porque estivesse sob as pressões das mesmas necessidades (5).

O branco mergulhara na natureza. Manejava arco e flexa, governava igaras pelos rios, fazia corvaras. Alimentava-se com o milho, a mandioca, a abóbora, os feijões, a maniçoba, as taiobas, e os jerimuns (6). Construía casas de ripas, ligadas com cipó-embé. Locomovia-se em jangadas. Ajustamento externo, rápido, consciente. À adaptação ecológica seguiu-se a humana. O branco também capitulara diante da rede da índia. A miscegenação foi decorrência lógica do contacto conseguido passivamente ou imposto pela escravização dos índios (7). A ausência de escrúpulos, deixados do outro lado do Oceano, as facilidades de um meio social que enfraquecera suas pressões, a sensualidade estimulada pelo clima dos trópicos, a presença das selvagens muitas vezes fascinadas pelos brancos (8) elevaram aos milhares as uniões entre dominador e dominadas. Passou a imperar o instinto, meio de desafogar as angústias e compensar as inseguranças.

(3). — V. Perdigão Malheiro (A. M.): p. II: "A escravidão dos indígenas desde a descoberta até a abolição", e Otávio (Rodrigo): *Os selvagens americanos perante o direito* (São Paulo, 1946).

(4). — São palavras de Nóbrega ao Pe. Simão Rodrigues aos 6-1-1550: "... In questo paese tutti li uomini o la maggior parte hanno la conscienza carica per causa delli schiavi chi tengono... et è molto difficile levare questo abuse perchè li huomini che di qua vengono sono dediti alle cose sensuali et vitii diversi, nè si curano di stare scomunicati tenendo detti schiavi". In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, I, págs. 166-7.

(5). — "... Perchè il sacerdoti di qua non fanno scrupulo alcuno...". *Ibidem*.

(6). — Na documentação inquisitorial são frequentes as provas dessa adaptação aos costumes alimentares da terra. Cosmo Martins, por ex., declarava ao Visitador, que "pela manhã almoçara uma pouca de farinha de mandioca que é o mantimento desta terra em lugar do pão, e um pequeno de peixe vermelho assado". João Freire, contava sobre seu jantar: pão e pacovas. *Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Inquisição de Lisboa*, proc. n.º 5.334 e 2.557, respectivamente. Pernambuco, 1593.

(7). — V. Reuter (Edward B.): *Race and culture contacts* (Nova York, 1934).

(8). — "O romance *Iracema* de José de Alencar, diz Afrânio Peixoto, é simbólico do amor com que as filhas do país tinham ao aventureiro branco; descobri que é anagrama de America: seria sua intenção descrever as núpcias da terra virgem e do colono civilizador?" In *Clima e Saude. Introdução bio-geográfica à civilização brasileira* (São Paulo, 1938) pág. 20.

Assim como tinham sido mudados os hábitos físicos e as técnicas do trabalho dos portugueses, os padrões originais de sua cultura foram assediados. A moral cristã foi sendo abalada gradativamente. Instalada na mente dos colonos a premissa de que nos ermos destes rincões não se deviam contas aos semelhantes, começou a afrouxar-se a idéia da onisciência e da onipotência divinas. Resolviam os colonizadores suas vidas, geralmente, sob as exigências da utilidade. Se possuir um índio era condição de sobrevivência, ter uma índia era-o também. Os amancebamentos com brasilas multiplicavam-se em tão em rápida progressão que estavam quase a se tornar naturais. Nos registros da 1.^a Visitação do Santo Ofício à Bahia e à Pernambuco, ficaram relatados infinitos casos de união entre brancos e índias (9). O fato não se restringia apenas aos portugueses. Os estrangeiros que no Brasil se fixavam procediam da mesma maneira. Na documentação inquisitorial aparecem com frequência genealogias como a de Ana Lins, fruto do casamento de Rodrigo Lins, alemão, e sua escrava brasila Felipa Rodrigues (10). Eram esses homens filhos de outras terras afeiçoados também pelas induções do meio ambiente.

A poligamia surgiu como processo de adaptação social e cultural do Novo Mundo (11). O colono indianizou-se e aceitou a família híbrida (12). Família poligâmica. Nessas ligações argamassavam-se alianças econômicas e guerreiras, trocavam-se mutuamente serviços. Estruturava-se sobre esse mecanismo biológico de ajustamento luso-tupí, uma realidade nova, específica do mundo americano. O português americanizando-se com a tupinização, distanciava-se culturalmente do que vivia ainda na Metrópole (13).

O colono preocupava-se ou deleitava-se em co-existir com a índia para poder mais facilmente senhoreá-la. Tinha assente no espí-

(9). — Já na 2a. Visitação, 27 anos após, o número cai vertiginosamente, o que parece provar não só o desaparecimento rápido do indígena, fugido para o sertão, ou dizimado, como também uma sociedade branca já estruturada, exercendo pressão social e religiosa mais efetiva sobre seus membros.

(10). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. n.º 5.206.

(11). — Cortesão (Jaime): *Família luso-tupí in Introdução à História das Bandeiras*, vol. II, pág. 124.

(12). — As tmericôs, ou mancebas tinham papel de esposas legítimas na ética aborígene. Por sua vez os portugueses chamavam de sogros e cunhados aos pais e irmãos das tmericôs. Formou-se, conseqüentemente, uma comunidade social na base da solidariedade da família. Varnhagen (F. A.): *Informação dos casamentos dos índios do Brasil in RIHGB* (Rio de Janeiro, 1846), t. VIII, pág. 254.

(13). — Sobre a aculturação indígena, V. Schaden (Egon): *Aculturação indígena in Revista de Antropologia* (São Paulo, 1965), vol. 13, págs.1-317.

rito o futuro dos índios na vida transcendental: o Inferno (14). Frei Vicente considerava os selvagens servos de Satanás (15). Esqueciam-se disso todos porem, na vida prática. Nesses dias heróicos não cabiam cogitações sobre problemas espirituais, não obstante as determinações da Coroa

"que tivessem com os índios todos os modos que puderem ser para aceitarem o Cristianismo" (16).

Ademais, o colono não tinha interesse na cristianização do índio, sobretudo da Índia, pois com a índia cristã teria de casar-se. Idem em relação à escrava negra. Os papéis inquisitoriais abrigam inúmeros casos de brancos implicados com o Santo Ofício por defenderem a idéia de que a fornicação com negra não era pecado.

Se a integridade da crença dos colonos não desmoronava ao contacto com o paganismo nativo, através das caricias femininas destilavam, sutilmente, as supertições próprias da cultura brasílica. A simples aceitação dessas ligações com mulheres da terra era uma contradição à estrita moral católica, defensora do matrimônio monogâmico. Contradição aceita com toda naturalidade. Rodrigo de Almeida confessava ao Visitador da Inquisição, simplesmente, ter um filho de 4 anos de uma negra brasila, embora fosse casado com mulher branca (17). João Antão contava ter repreendido Gaspar Gonçalves que sendo casado dormia com negras casadas (18). O escrúpulo era ínfimo e gerara-se do fato das negras serem casadas, uma vez que corria em todos os escalões da sociedade como certa a assertiva que manter relações com negras — da terra ou da Guiné — desde que fossem solteiras não era pecado. Era o que defendia Antônio Trevisani (19). Quando muito poderia ser falta leve, venial. Foi o que afirmou publicamente Sebastião Álvares que sentia-se perfeitamente em paz com Deus e com a própria consciência já que pagava as negras solteiras com quem mantinha relações físicas (20). Essas relações parece terem sido consideradas cousas triviais. Salvador Barbosa ao se acusar de culpas ao Santo Ofício, dizia que

(14). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. n° 10.888.

(15). — "... porem como o Demônio com o sinal da Cruz perdeu todo o domínio que tinha sobre os homens, receando perder tambem o muito que tinha em os desta terra. . .", *História do Brasil*, cap. II, pág. 6.

(16). — Cf. Regimento de Tomé de Sousa, in *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, vol. III, pág. 345.

(17). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. n° 12.230. Bahia, 1592.

(18). — *Idem*, proc. 11.211. Bahia, 1591.

(19). — *Idem*, proc. 6.321. Pernambuco, 1593.

(20). — *Idem*, proc. 11.211 *cit.*.

"tendo uns 16 anos, sendo então já acostumado a dormir carnalmente e naturalmente com negras..." (21).

Muitos tornavam cristãs às nativas, e depois com elas se amancebavam, afirmando que assim não cometiam pecado (22). Porisso talvez se opuzessem ao casamento de suas escravas, como o irmão de Gregório da Rocha que não queria permitir ao pe. Baltazar Lopes casar a escrava com quem vivia amancebado, sofismando não estarem em pecado (23).

Era menos comum, na vida rotineira, que aflorassem livres as heterodoxias. No entanto, postos esses homens em situações anômalas, atravessando momentos de tensão, seu procedimento nada teve de ortodoxo. No sertão, por exemplo, estava o grande teste. Lá, cercado de indígenas, sob o impacto dos valores vigentes nas selvas, onde a valentia era provada pelos riscos feitos a ponta de faca no corpo e tingidos indelevelmente com resinas, muitos brancos espontaneamente quizeram exteriorizar em arabescos sobre suas peles a coragem de que eram possuidores. Baltazar de Leão, homem branco e cristão velho, pensou dessa maneira e voltou do sertão baiano todo tatuado (24). Gaspar Nunes Barreto, cristão novo, conforme declarações de sua esposa Maria Alcanforada, andava

"riscado ao modo gentílico, que é costume entre os gentíios o que se risca mostrar com aquele riscado ser gentil valente" (25).

Adotavam os brancos com facilidade os costumes gentílicos, sem preocupações com possíveis significados rituais que tivessem para os selvícolas. Necessidade ou vaidade?

Foram comumente trazidos ao conhecimento do Visitador do Santo Ofício desrespeitos cometidos no sertão à lei de abstinência de carne. Comiam-na sem necessidade quando no sertão, por lhes apeter, embora soubessem ser pecado grave, como o declarou Antônio Gonçalves, acusando da mesma falta Antônio Vieira, Manoel Machado

(21). — *Idem*, proc. 11.200. Pernambuco, 1595.

(22). — "... somente hum que veo nesta armada, o qual como chegou logo tomou huma índia gentia pedindo-a a seu pay, fazendo-a christã porque este é o costume dos portugueses desta terra, e cuidão nisto obsequium se preste-re Deo porque dizem nom see pecado tam grande, nem olhando à grande irreverencia que se faz ao sacramento do baptismo". Carta de Nóbrega a Simão Rodrigues. Bahia, 9-8-1549. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, I, pág. 120.

(23). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 11.068. Bahia, 1592.

(24). — *Idem*, proc. 12.927. Bahia, 1592.

(25). — *Idem*, proc. 11.075.

e João Morgado, todos brancos e cristãos velhos (26), embora casados com índias.

Teria sido a necessidade a mola que impulsionou a muitos brancos como o capitão Cristovão da Rocha a fornecer, no sertão de Laripe, armas aos índios para que guerreassem aos brancos cristãos da Bahia e se defendessem deles quando nos matos penetrassem? (27) Ou simpatias com a raça de sua mulher a quem ofereceu também uma ferraria, safra, forja e instrumentos de serralheiros? (28)

O sertão reacendia a fé, mas ela surgia maculada por um fundo supersticioso, onde eram confundidas imagens e amuletos (29).

Gradual, moderada e inconscientemente assimilavam-se os valores culturais indígenas. Estes, se não se manifestavam, comumente, na vida e comportamento do colono, coagido pela sociedade, precavido contra a barbárie que atribuíam aos naturais da terra, instalavam-se nos seus descendentes.

Na luta pela erecção de um mundo português sobre o indígena, o colono negou à cultura pré-existente o direito de permanência. Destruuiu-a ou absorveu-a. Armas ou Catecismo. No entanto o selvícola permaneceu. O contacto branco-índio faz emergir novas situações sociais, com perigo de abalarem-se as estruturas. A população mestiça contribuiu para a preservação de elementos culturais indígenas e impôs maior plasticidade ao sistema social que se formava.

Corolário inevitável da perpetuação vital nas terras brasileiras, foi a mestiçagem. Uniões ilícitas ou lícitas geraram o mameluco, o pardo, o mulato. Mestiços na raça, nos costumes, na mentalidade. Eram o grande desafio à integridade da fé ortodoxa, produtos sincréticos do pagão e do católico.

No interesse da manutenção de um Cristianismo ilibado de heterodoxias, o aparecimento do mestiço foi um verdadeiro desastre (30). Na

(26). — Confissões da Bahia (1591) pág. 123. In *Primeira Visitação do Santo Offício às Partes do Brasil. Confissões da Bahia*, (São Paulo, 1935).

(27). — *ANTT, Inquisição de Lisboa*, proc. 7.950. Bahia, 1592.

(28). — Confissão de Tomás Ferreira e André Dias in *Confissões da Bahia*, (1591), pág. 97 e 146, respectivamente.

(29). — "Pior como sintoma de degeneração da fé na sua pureza e elevação, foi a infiltração mútua, o hibridismo de crenças, que levou o adventício a acatar e solicitar a autoridade, e o vaticínio dos feiticeiros indígenas, estes a assimilarem certas formas meramente exteriores do culto dos cristãos..." Cortesão (Jaime): *op. cit.*, II, pág. 256.

(30). — "Tudo teria corrido bem para o Cristianismo e o progresso da Fé se os mamelucos gerados e nascidos desde João Ramalho de pai lusitano e mãe brasileira, germens péssimos duma estirpe má, não tivessem tudo pertur-

ânsia de reivindicar o sangue branco, o mameluco principalmente procurava adaptar-se à cultura do pai, fosse ou não por ele reconhecido e aceito'(31). Se raro foram os que possuíram nome e fortuna — como alguns dos numerosos bastardos de Jerônimo de Albuquerque (32) — raros foram os que herdaram uma religião depurada e esclarecida. Na maioria procediam de homens simples, daqueles colonos emersos das camadas mais baixas da população, detentores de crenças maculadas por inúmeros desvios, ou construída de meras exterioridades, longe, bem longe do espírito de verdadeira religião. Some-se a isto as tendências para uma série de atos contrários à moral cristã, que constituíam usos tradicionais entre os selvícolas (33).

Os colonos tinham trazido consigo o hábito de práticas supersticiosas, de recorrer a feitiços, encantos e magias. (34) Racionalmente condenavam tais cousas, mas temiam-nas, como Simão Vaz que levou grande susto ao entrar na casa de Diogo de Paiva e encontrar

bado". Orlandini (Nicolau): *Historia Societatis Iesu* (Roma, 1615) 1a. p. pág. 483, apud Cortesão (Jaime), *op. cit.*, pág. 258.

(31). — Isto no fim do século XVI, quando já estava se afirmando o mundo branco, porque os primeiros mamelucos presentes entre os Tupinambás, descendentes de franceses deixados pelas naves que comerciavam pau-brasil que "se amancebaram na terra, onde morreram, sem quererem tornar para a França, e viveram como gentíós, com muitas mulheres, dos quais a dos que vinham todos os anos à Bahia e ao rio de Seregipe se inçou a terra de mamelucos que nasceram, viveram e morreram como gentíós, dos quais há hoje muitos de seus descendentes, que são louros, alvos e sardos, e havidos por índios Tupinambás, e são mais bárbaros que eles". Soares de Sousa (Gabriel): *Notícias do Brasil*, cap. 177 t. II, pág. 289.

(32). — Como por exemplo: Salvador de Albuquerque, filho natural de Jerônimo de Albuquerque e Maria, índia brasileira forra, lavrador de roça com seu irmão Pero de Albuquerque, filho de negra do gentio de nome Luzia ou Mécia, moradora na freguesia de São Miguel de Pojuca. *ANTT, Inquisição de Lisboa*, procs. n.ºs. 11.206 e 12.222 respectivamente. Pernambuco, 1594.

(33). — "... porque me parece que esta gentilidad en algunas cosas se parece con los moros, así como en tener muchas mujeres y en praedicar por las mañanas de madrugada, y el pecado contra naturaleza, que dizen ser allá muy comun, lo mismo que en esta tierra". Carta do Ir. Pero Correia ao Pe. João Nunes Barreta. 20-6-1551. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, I, pág. 224.

(34). — João Roiz Palha, por exemplo, confessou na Bahia que ha 52 anos, em Portugal, no termo de Moura, encantara bichos de certo gado, tomando 9 pedras do chão e dizendo 9 vezes: "encanto bizandos com o diabo maior e com o menor, e com os outros todos". Lançara 1 pedra cada vez em que repetía as frases. 3 dias depois, todos os animais cairam. Proclamou ao Visitador que nunca deixou de ter fé em Cristo, não acreditou em tal encantamento como obra do diabo, e praticou-o porque via no tempo fazerem-no todos os pastores daquela terra. *Confissões da Bahia* (1591), pág. 121.

"... um altar bem concertado com seu frontal e toalhas pregadas com alfinetes, como altar de dizer missa, no qual estavam dois castiçais de latão com suas velas, e no meio estava em lugar de imagens uma figura feita de cera preta a qual figura era de um homem nú e na cabeça na testa tinha dois cornos feitos da mesma cera... a qual figura do dito homem era de comprimento de um palmo e estava em pé e os cornos que tinha na testa eram saídos para fora comprimento de um meio dedo, e a vela ou vara que tinha na mão era de comprimento de meio palmo pouco mais ou menos, tudo feito de cera preta e no dito altar não estava outro nenhum retábolo, nem imagem nem cruz. . ." (35).

Recorriam a miude a bruxedos. Os filtros de amor eram os mais buscados, se bem não faltassem as "mezinhas" miraculosas.

Amores desfeitos ou inalcançáveis? Maus tratos? Dificuldades econômicas? Desamor? A tudo podiam remediar as feiteiras da terra — e havia famosas, com práticas de longos anos na Metrópole, como Leonor Martins, a Salteadeira de alcunha, que as autoridades reinois tinham havido por bem degredar para o Brasil (36). Antônia Fernandes, a Nóbrega, falava com os diabos e lhes mandava fazer o que queria (37). Sua filha Joana, que ficara no Reino tambem era feiteira diabólica e tinha um familiar — Baul — num anel (38).

Em Olinda, Ana Jácome mulher torta de um olho tinha fama de feiteira, difundida por todos. Entrou em casa de Isabel Antunes, recém-parida e disse:

"se quereis que não vos venham as bruxas à casa, tomai uma mesa e ponde-a com os pés virados para cima e uma trempé tambem virada com os pés para cima e com sua vassoura em cima, tudo detrás da porta. Após sua intempestiva aparição, Isabel Antunes começou a ter febre e frio. A criança nascida ficou embruxada, com a boca chupada em ambos os cantos onde apresentava nódoa negra, como tambem nas verilhas e morreu no dia seguinte" (39).

O temor difundia-se pela cidade com a notícia do ocorrido.

(35). — *Denúncias de Pernambuco*, pág. 13.

(36). — Morava em Olinda, na rua de João Eanes, cf. denúncia de Madalena Calvos. *Denúncias de Pernambuco*, pág. 108.

(37). — Cf. confissão de Paula de Sequeira in proc. 3.306 da *Inquisição de Lisboa* (ANTT).

(38). — *Ibidem*.

(39). — *Denúncias de Pernambuco*, pág. 24.

Há uma certa lógica em que se invocassem os poderes das trevas, numa época obcecada pelo demônio. Principalmente quando desejavam livrar-se de maridos incômodos como o de Isabel da Fonseca que encomendou a Maria Gonçalves uns feitiços para que seu marido Gaspar Martins que estava na guerra do Sergipe nela morresse, ou não mais voltasse. A intermediária foi Catarina Fróis, que também encomendou um trabalhinho para que outro seu genro, Antônio Dias, se dobrasse às vontades da mulher. Os problemas da família deviam ser sérios, pois Catarina embora sabedora de que mexia com arte diabólica tentou por esses meios resolve-los (40).

O recurso a tais expedientes muito provavelmente devia ser determinado pela necessidade de afirmação pessoal de mulheres inseguras do seu próprio valor, incapazes de reterem seus amados na forte competição que lhes moviam as mulheres de cor. O desespero feminino pelas questões do coração era, ao que parece, na Bahia seicentista, tão intenso e constante quanto o é, nos dias de hoje, em qualquer latitude ou longitude. Levava a atitudes arrojadas, na tentativa de encontrar soluções, até a ir contra a própria fé, como Maria Vilela que para conseguir que seu marido lhe quizesse bem pegara-se com Deus, mas quando viu que Ele não quizera melhorar seu esposo, socorrera-se dos diabos (41).

Guiomar de Oliveira em dificuldades financeiras com o aluguel da casa não hesitou em seguir os conselhos de Maria Fernandes: três pinhões tomou, tirou-lhes os miolos com alfinetes, recheou-os com cabelos de todo seu corpo, com unhas de pés e mãos, raspaduras das solas dos pés e unha do dedo pequeno do pé da feiticeira. Enguliu-os. Depois de expelidos, torrou-os, reduziu-os a pó e ministrou-os ao senhorio numa tijela de caldo de galinha. Segundo suas declarações ao Visitador a receita era infalível: o senhorio não a molestou mais, pelo contrário, disse que pagasse quando quizesse e passou a namora-la (42). No entanto ela não estava interessada em adultérios, pelo contrário, queria seu marido bem amigo e apaixonado. Para isso recebeu nova receita da Nóbrega, e o pobre do Francisco Fernandes tomou vinho com vários tempêros: pós de ossos de finado um dia, e no outro, o próprio semem colhido após o ato conjugal. Acabou tornando-se mais carinhoso (43). Tempero do amor. Haveria de que reclamar?

(40). — *Confissões da Bahia* (1591), págs. 53-54.

(41). — Denúncia de Paula de Sequeira. *ANTT, Inquisição de Lisboa*, proc. 3.306. Bahia, 1591.

(42). — *Confissões da Bahia* (1591), pág. 59.

(43). — *Ibidem*.

Para conquistar a afeição do homem, ou para amansa-lo, nada como dizer-lhe na boca, quando adormecido, as palavras da consagração — *hoc est enim corpus meus*. Foi o que fez Paula de Sequeira (44). A receita era conhecida aquem e alem mar. Ensinara-lhe em Lisboa um clérigo, Gaspar Franco, ex-capelão del Rei. Margarida de Carneiro fez a mesma cousa a seu marido, usando a receita aprendida no mosteiro das órfãs na capital do Reino (45). As mesmas palavras ditas na boca do companheiro ou da companheira, durante o ato carnal faziam endoidecer de amor (46). Na Bahia, Isabel Rodrigues, a Boca torta, ensinava o mesmo procedimento. Fazia mais: fornecia uma certa carta — que chamavam de tocar — possuidora do dom miraculoso de arrastar cousas ou pessoas que a tocasse (47). Dera um desses objetos a Paula de Sequeira, que num arroubo de solidariedade feminina emprestara-o a Mécia Dias para que a trouxesse debaixo do toucado (48).

Para dominar os homens ministravam-se ainda pós de pedra de ara, dizendo-se as palavras — sem esta não se pode celebrar. Isto não surtiu o efeito deseiado por Paula de Sequeira (49). Já os maridos rebeldes tinham sob os pés pós de sapo tersado (50).

Beatriz de Sampaio sabia certas palavras que ditas andando-se em cruz tinham efeitos eficacíssimos. Provas? Tivera dois maridos tão obedientes que quando brigavam ela os mandava beijarem-lhes os pés e eles obedeciam (51).

Em último recurso podiam-se usar as palavras para encantar:

"Foão eu te encanto e re-encanto com o lenho da vera cruz e com os anjos filósofos que são 36 e com o mouro encantador que tu te não apartes de mim e me digas quando souberes e me dêes quanto tiveres, e me ames mais que a todas as mulheres" (52).

Símbolos, objetos sagrados, palavras rituais do Cristianismo apparecem deturpados e profanadas em todas essas práticas, revelando sempre a preocupação fundamental dos espíritos e sua integração na vida religiosa. Mostram porém a quantidade de desvios e abusões de que

(44). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 3.307. Bahia 1592.

(45). — *Idem*, proc. nº 10.751. Bahia, 1592.

(46). — *Confissões da Bahia* (1591), pág. 59.

(47). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. nº 10.751. Bahia, 1592.

(48). — *Idem*, proc. nº 3.307. Bahia, 1592.

(49). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. nº 3.307. Bahia, 1592.

(50). — *Confissões da Bahia* (1591), pág. 53-4.

(51). — Denúncia de Paula de Sequeira in *proc.* 3.307, *cit.*

(52). — *Confissões da Bahia* (1591), págs. 53-4.

ainda estavam eivadas as crenças. E era essa a religião insegura, mal definida, compreendida e praticada, que os mamelucos arremedavam, tentando ignorar as imposições biológicas e mentais da carga hereditária materna (53). Hereditariedade indígena que perpetuava neles a disposição às crenças místicas, a aceitação convicta de fenômenos extra-naturais como testemunham as palavras de Nóbrega descrevendo as reações de mulheres índias após contacto com seus feiticeiros:

"E acabando de falar o feiticeiro, começam a tremer principalmente as mulheres com grandes tremores em seu corpo, que parecem endemoniadas, como de certo o são, jogando-se na terra, espumando pelas bocas..." (54).

Os mestiços dos cristãos novos herdavam fé mais periclitante ainda, porque originada de pais cujo Cristianismo era ténue verniz epidérmico, ou que estava mesclado a idéias conceitos e práticas judaicas cristalizadas em sua cultura. Quando não estavam comprometidos pelo ódio ou pela má fé com que os cripto-judeus tratavam a religião do Nazareno. Fernão Soares e seu irmão Diogo, cristãos novos, ofereceram após o jantar em sua casa aos convivas — o mestre de engenhos Antônio Gonçalves e Agostinho de Seixas, — um espetáculo que muito divertiu aos anfitriões e escandalizou às visitas: chamaram um mulatinho e mandaram-no benzer-se, o que ele fez do seguinte modo: pondo a mão na testa disse boi, no peito, corda, no ombro esquerdo, faca e no ombro direito, cavalo. Fazendo reverência com a cabeça, disse Amen Jesus (55). O fato além de evidenciar a ignorância religiosa dos mestiços, talvez seja indicativo de deturpação consciente da doutrina que os brancos eram obrigados a transmitir.

A herança da condição de crença — cristão novo ou cristão velho — que os mestiços declaravam ao Visitador quando por ele desfilavam mostra ter sido insignificante o número de uniões de indígenas com os novos convertidos. Como eram numerosos os marranos no Brasil dessa época, o fato fica a sugerir que o conhecido endogamismo dos descendentes de Moisés resistiu às dificuldades do meio e reeditou-se aqui, ou que um forte preconceito vigorou em relação aos índios.

(53). — Segundo as idéias vigentes, só valia o parentesco paterno. Da parte das índias — é Capistrano quem o afirma — a mestiçagem se explica pela ambição de terem filhos pertencentes à raça superior. Abreu (Capistrano de): *Capítulos de história colonial*, (Rio de Janeiro, 1954), pág. 80.

(54). — Carta de Nóbrega aos Padres Irmãos de Coimbra. Bahia, agosto de 1549. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, I, pág. 150.

(55). — Denúncia de Agostinho de Seixas. *ANTT. Inquisição de Lisboa*, proc. n.º 7.946. Pernambuco, 1593.

Ou teriam sido os filhos de Jeová mais virtuosos e resistentes às tentações nativas?

Os mamelucos haurindo a fé dos brancos partilhavam das superstições, desvios e superficialidades vigentes. Uma série de pequeninos fatos isolados do ramerrão cotidiano ficou como prova. Assim, Lázaro Aranha, no jogo de cartas, agastado porque perdia chamou pelos diabos, dizendo:

"diabos ajudai-vos todos e vinde aquí dar-me uma carta" (56).

Cosmo Martins, também mameluco como Lázaro, não atentava bem para as exigências que a recepção dos sacramentos obrigava e acabou comungando depois de ter ingerido a refeição matinal (57). Já Domingos Rabelo comeu uma galinha que lhe serviu seu irmão, em dia de abstinência (58). Desculpou-se diante do Visitador por ser o único alimento que havia disponível (59). O mameluco André Fernandes incorreu ao que parece conscientemente na mesma culpa, pois foi visto por Fabião Lopes a comer carne de veado num dia de jejum. Não se importava nada com as determinações da Igreja, pois advertido estar num dia das quatro têmeoras respondeu irritado:

"o diabo tantas têmeoras, noutro dia quatro têmeoras, ontem quatro têmeoras, o diabo tantas quatro têmeoras",

e não deixou de comer o dito alimento (60). Esse descaso pelas práticas litúrgicas evidencia a pequena compenetração que os mamelucos tinham de seu significado de pertencerem à Igreja. O descaso pela excomunhão vem corroborar a idéia. Álvaro Rodrigues pouco se incomodava de andar há anos incurso na sanção excomunicatória baixada sobre os que tinham roubado escravos índios (61).

Ha todo um capítulo da história da espiritualidade do Novo Mundo e da história da consciência e costumes de seus colonizadores que se poderia intitular: a contribuição dos mestiços nos pecados dos brancos (62). A recíproca é dele parte integrante: a responsabilidade dos brancos nos pecados dos mestiços. Talvez seja isto o que mais importe.

(56). — *ANTT, Inquisição de Lisboa*, proc. n° 12.927. Bahia, 1591.

(57). — *ANTT, Inquisição de Lisboa*, proc. 5.534. Pernambuco, 1593.

(58). — *Confissões da Bahia* (1591), pág. 118.

(59). — *Ibidem*.

(60). — *ANTT, Inquisição de Lisboa*, proc. 2.527. Pernambuco, 1593.

(61). — *Idem*, proc. 16.897. Bahia, 1591.

(62). — "... avendo nestas Capitánias muyta gente, mas muy poco temor de Deus nem zelo de sua honrra, mas muytos peccados". Carta de Nóbrega a Tomé de Sousa. Bahia, 5-7-1559. In *Cartas do Primeiros Jesuítas*, III, pág. 98.

Responsabilidade genética, ao reeditar em cenários brasileiros a desobediência edênica. Só os papéis da Primeira Visitação referem-se a número significativo de mestiços bastardos. Responsabilidade no exemplo da vida cristã negado ou omitido. Responsabilidade em procurar o mameluco, o pardo ou o negro, possuidores de consciência menos sensível, para associa-los às suas faltas. Quitéria Seca, mulher branca e adulta, cometia o nefando com Guiomar Pinheira quando esta tinha 8 anos (63). Guiomar Pisçara fizera o mesmo com uma negra ladina da Guiné, Mécia, conforme ela mesma confessou ao Visitador da Bahia (64). Pero Garcia, poderoso senhor de vários engenhos, cometera, entre muitos outros, para o nefando, o mulato forro Joseph, que o servia (65). Alguns reagiam a tais solicitações, como Francisco, mulato escravo do Licenciado Felipe Tomás que fugira para a fazenda de Antônio Cardoso de Barros, queixando-se de que seu dono o mandava estar em camisa e sem calças enquanto escrevia de noite (66).

Muitos brancos obrigavam seus escravos cristãos a trabalhar em dias proibidos pela Igreja, como Antônio Meira que fazia Margarida e Antônia, brasilas, fiar e fazer anastros em domingos e dias santos (67).

Frequentes vezes devem ter servido os mestiços de alimento a apetites desordenados e a degenerescências de instintos, como outras vezes foram autores de mórbidas torpezas como as confessadas pelo mameluco Jácome de Queiroz. O reverendo foi contar ao Visitador da Bahia que cometera o nefando

"com hua moça mameluca que então seria de idade de 6 ou 7 anos".

Desculpou-se: errara o local visado, por estar cheio de vinho (68) e pedia com naturalidade desculpas pela desatenção. A bebida devia altera-lo muito, pois um ano depois cometeu o mesmo equívoco direcional com outra mameluca, Esperança, sua escrava de 7 anos! (69).

(63). — *Confissões da Bahia* (1591), pág. 95.

(64). — *Idem*, pág. 157.

(65). — Denúncias da Bahia (1618) in *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil*, (São Paulo, 1925), pág. 112.

(66). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 4.767. Bahia, 1621.

(67). — *Confissões da Bahia* (1591), pág. 118. Nuno Fernandes declarou ao Visitador que mandava seus escravos nos domingos e dias santos cortar embira para amarrar cana e carregar a barca nos tempos de necessidade "como costumam fazer geralmente nesta terra". ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 2.936. Bahia, 1592.

(68). — *Confissões da Bahia* (1591), pág. 46-7.

(69). — *Ibidem*.

Esses desvios de comportamento em que se irmanavam brancos e mestiços desserviam a religião comumente professada, uma vez que ser cristão era ao mesmo tempo professar a fé e praticar a lei, i. e., a moral cristã, conforme a vontade positiva de Deus (70). Faltar ao cumprimento da Lei positivo-divina, não observar a moral natural e a revelada — conhecida pela razão, esclarecida pela fé — era abrir caminho ao solapamento da ortodoxia. Era também uma forma de ser hereje.

Muito mais grave, porque abrigavam o paganismo insuspeitado, eram as práticas gentílicas em que os mestiços incorriam com maior frequência que os brancos (71). Talvez porque mais frequentemente fossem os mestiços submetidos aos testes do sertão, nas inumeráveis entradas, com mais facilidade entregavam-se a práticas gentílicas como a de riscar-se, tais as confessadas por Manoel Branco que declarou ao Visitador te-las cometido

"parvamente, sem tenção de gentio" (72),

ou de Francisco Afonso Capara que tendo ido à busca de índios mandou riscar-se, segundo ele, para que o temessem e não lhe fizessem mal (73). Por sua vez Gaspar Nunes Barreto, em moço mandou riscar-se por um negro da terra, sem nunca ter saído de Salvador (74). Na verdade a sociedade devia achar naturais tais cousas, pois acolhia sem quaisquer pressões no seu seio "negros" que executavam tais adornos (75). Não atentavam para o verdadeiro perigo que se escondia debaixo de tais ações e de outras como a de Gonçalo Álvares que na guerra contra Surubí em Itapicirú, termo da capitania da Bahia, tomou o nome de Pinasamoquu, i. e., linha comprida, a fim de ser nomeado e reconhecido entre os gentios, por ser costume dos índios tomar nome de cousas para por ele ser nomeado (76).

(70). — Para ser salvo é necessário executar a vontade divina. "Nem todos os que dizem Senhor, Senhor, entrarão no Reino dos Ceus, mas somente quem cumprir a vontade de Meu Pai que está nos Ceus". Mateus, VIII, 21.

(71). — "Outros matam em terreiros ha maneira dos Yndios tomando nomes, e não somente o fazem homens baixos e mamalucos, mas o mesmo capitão às vezes!... E não he muyto que sigão a seu capitão gente que não sei se alguma ora do ano está sem peccado mortal". Carta de Nóbrega a Tom; de Sousa. Bahia, 5-7-1559. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, III, pág. 77.

(72). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 11.072. Bahia, 1592.

(73). — *Idem*, proc. 17.813. Bahia, 1592.

(74). — *Idem*, proc. 11.075. Bahia, 1592.

(75). — *Ibidem*. O processo de feitura da tatuagem é descrito na confissão de Gaspar Nunes Barreto. Com um dente de bicho faziam-se uns labores rasgados na carne que eram untados com o sumo de certa erva moura e uns pequenos pós de escodado (*sic*) para sarar as feridas. Ficavam os labores para sempre. *Proc. cit.*

(76). — Confissão de Gonçalo Alvares. ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. n° 12.229. Bahia, 1592.

Por outro lado, a abstinência de carne ficava sempre a pesar na consciência dos mamelucos que entravam pelo sertão. Uns procuravam se desculpar diante da Inquisição sofismando não haver outro elemento, como Gonçalo Álvares (77); outros confessavam não ter havido necessidade, mas terem-na comido assim mesmo, como Rodrigo Martins (78). Ana Alveloa serviu às amigas em plena Tapanca como merenda, carne de tatú em dia defeso e comeu-a também sem qualquer escrúpulo (79).

Embora fosse mantida excomunhão contra aqueles que dessem armas ao gentio (80), confessaram tal culpa na Bahia, ao Santo Ofício, Rodrigo Martins (81), Cristovão de Bulhões (82), Lázaro da Cunha (83), André Dias (84), entre outros.

Os homens do século XVI eram paradigmas de contrastes. Por isso sobre um belo ideal, o de beneficiar a população irreligiosa e perdida para a fé e a civilização, erigiram moral e teologicamente seu direito a escravisar os negros da África. Nos quadros domésticos da vida da Colônia foram incluídos, obrigatoriamente, os vultos escuros das amas de leite, dos moleques companheiros de brinquedos, das cozinheiras.

A própria estrutura econômica e o regime da escravidão levaram à acentuação das tendências luxuriosas, e a miscegenação foi facilitada pela convivência dentro das casas grandes (85). Os mulatos vieram aumentar o contingente mestiço. Somaram-se-lhe depois os pardos e os cafusos.

No aspecto religioso configurou-se problema grave. O contacto mais íntimo e persistente que a criança branca tinha com as africanas, desde seu aleitamento, foi a cunha por onde se destilaram mais eficazmente para as mentalidades que se formavam o intenso misticismo do negro, e aceitação para as crenças e práticas da magia. Estas chegaram a adquirir tal intensidade que em meado do século XVII o Senado da

(77). — *Ibidem.*

(78). — *Ibidem.*

(79). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. n.º 10.750. Bahia, 1592.

(80). — *Idem*, proc. 12.229. Bahia, 1592.

(81). — *Ibidem.* Dera uma espingarda sem pólvora e munição, uma espada para fazer amizade, embora soubesse que ficava excomungado.

(82). — Deu 10 a 12 cargas de pólvora, 6 ou 7 pelouros. ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 7.950. Bahia, 1592.

(83). — Deu uma espada. ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 11.068.

(84). — Deu 1 espada, apesar de saber que os índios quando se acham em tempo e ocasião matam os brancos. *Confissões da Bahia* (1591), pág. 146.

(85). — Freire (Gilberto): *Casa Grande & Senzala* (Rio de Janeiro, 1964), II, 445

Bahia pedia providências do Rei para afastar os feiticeiros, responsáveis por inúmeras mortes (86). Os fetiches africanos e seus orixás camuflados ou fundidos nos santos católicos, passaram a integrar o patrimônio espiritual dos mozambos. E a manchar seu Cristianismo.

Estrias de paganismo infiltravam-se nos veios da religião de Cristo. Impuras eram as crenças dos mestiços, como Antônio Dias, mulato forro, que declarou não adorar a hóstia porque era feita de farinha (87).

Contactos com mestiços, uniões entre eles, levaram à elaboração de sulcos de paganismo que se abriam na ortodoxia.

Os brancos misturavam-se com índios, negros e mestiços pelas necessidades da vida. Colonos, basicamente, quiseram escravizar os índios e negros. Pouco se importavam com o missionarismo:

"Destá mesma raiz nasce darem-se poucos os christãos pela salvação dos escravos que tem do gentío, deixando-os viver em sua ley, sem doutrina nem ensino, em muytos peccados; e se morrem os enterrão nos monturos porque deles não pretendem mais que o serviço, e pera terem mais quem os sirva trazem gentíos a casa para se contentarem de suas escravas, e assy estão amancebados christãos com gentíos" (88).

Desses problemas se queixava Anchieta em carta ao superior Diego Laynes, aos 30.7.1561:

"... porque es quasi general costumbre de la tierra, no se dar nada a los señores que están sus esclavos amancebados: y queriendo más el servicio delles que su salvati3n, no tienen cuenta con su doctrina, e assí los tienen por sus haziendas espargidos sin los hazer venir a la iglesia, sino es de maravilla; e assí la maior parte dellos es tan ruda en las cosas de la fe, que ni aún saben si ay Dios. De manera que es tanta la negligencia de los señores en

(86). — "Senhor — A conservação desta Praça pende toda dos escravos com que se lavra o açúcar, e mais drogas desta Capitania e não obstante a carestía deles e as muitas mortes que o rigor dos trabalhos lhes causa, tem a dos feiticeiros que os matam repentinamente e sem confissão e destes se não devassa por que não consta da dita morte nem pode haver provas mas pelas famas se deve proceder contra eles desterrando-os para parte onde não façam dano tão grande". *Cartas do Senado*, 1º, pág. 103 (Carta de 14-8-1671).

(87). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. nº 8.478. Pernambuco, 1595.

(88). — Carta de Nóbrega a Tomé de Sousa. Bahia, 5-7-1559. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, III, pág. 80.

esto, y tanta la perdición de los esclavos, que tenemos por muy grande provecho ocupamos en su doctrina..." (89).

Sem ter fé muito firme que se refletisse em seu comportamento, criando para si uma doutrina de acomodações de consciência, o colono misturou-se mais com as raças dominadas do que poderia ou ousaria supor. E os resultados se faziam sentir a longo prazo.

Por sua vez o padre catequista ao chegar ao Brasil, por imposições do meio, era, em primeiro lugar, um colono que partilhava com os demais das mesmas necessidades e de idênticas dificuldades de adaptação e fixação (90). No entanto, seus motivos eram outros: aproximava-se do indígena também para evangelizá-lo. Seu fundamento era a convicção de que o ponto de vista moral devia prevalecer sobre os outros todos. Aceitando a doutrina da Santa Sé e sobre os índios, substanciada no preâmbulo da Bula *Sublimis Deus* (91), abrigava o clero, conseqüentemente, a idéia de que os índios também eram o seu próximo e tinham direito à fé (92). Mais: acatavam a ordem de Paulo III:

"os ditos índios... hão de ser atraídos e convidados à dita Fé de Cristo, com a pregação da palavra divina, e com o exemplo de boa vida" (93).

Muitas ordens religiosas fizeram do missionarismo sua maneira de servir a Deus. E vieram para o Brasil (94). Papel de destaque ti-

(89). — Carta do Ir. Anchieta ao Pe. Diego Laynes. S. Vicente, 30-7-1561. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, III, pág. 373.

(90). — Submeteu-se também ao meio, como outro colono qualquer. "... quedamos en esta Baya el Pe. Navarro, el Pe. Salvador Rodriguez y el Pe. Paiva por rector... el Pe. Paiva se exercitava en carpintear y hazer tapias, con todo el cuidado de casa...". Carta do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra, 17-5-1552. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, I, pág. 311.

(91). — "O excelso Deus amou de tal maneira o gênero humano, que fez o homem de tal condição, que fosse não só participante do bem como as demais criaturas, mas também pudesse alcançar e ver a face do Bem sumo inacessível; e como, segundo o próprio testemunho da Sagrada Escritura, o homem tinha sido criado para alcançar a vida e felicidade eterna, e esta vida e felicidade eternas nenhuma pode alcançar senão mediante a Fé de N. S. J. C.: é necessário confessar que o homem é de tal condição e natureza que possa receber a mesma fé, pois ninguém se supõe tão néscio que julgue poder alcançar o fim sem que por nenhum modo alcance o meio sumamente necessário". In *Diálogo sobre a conversão do gentio* pág. 105.

(92). — "... conhecendo que aqueles mesmos índios, como verdadeiros homens, não somente são capazes da fé de Cristo, senão que acodem a ela. . .". *Idem*, pág. 106.

(93). — *Ibidem*.

(94). — De meado do século XVI a 1620 estavam estabelecidas na Bahia e em Pernambuco, votadas também à doutrinação dos índios além dos jesuítas, as ordens religiosas dos franciscanos, carmelitas, e beneditinos.

veram desde o início da colonização os filhos de Sto. Inácio a quem a Coroa especificamente entregou a vida espiritual brasileira. Batizaram a terra os jesuítas com o sangue de seus mártires; fecundaram-na com os ossos dos que foram imolados nos banquetes antropofágicos dos pagãos.

Convencidos estavam os inacianos de sua missão (95). Animava-os a ânsia de serem herois, de serem santos. A exaltação idealista do barroco tangia-os ao Novo Mundo. Pelo menos nos primeiros tempos, a finalidade principal era ganhar almas. Catequisar. Basicamente porisso puderam triunfar das distâncias — sertões, areais, lameiros, serras, planícies — e vencer perigos (96) e desconfortes (97).

Os meios de doutrinar surgiam em consonância ao espírito da Companhia: todos eram válidos se conduzissem ao fim proposto. As Constituições aconselhavam a que se aprendesse inicialmente a língua da terra (98). Ouvir o que falavam os índios, entender-lhes a linguagem, reduzi-la a gramáticas (99) e preceitos, estuda-la, foi a primeira

(95). — "... pero es muy especial don el de aquellos a quienes cabe la suerte de emplearse en su servicio (da Companhia) en esas partes, así por la importancia de la obra en que os ocupais, como por el privilegio de los obreros. La importancia de la obra se vey quanta sea, trattando no solamente de su salvación, como por acá se haze, pero aun de traer muchos otros de nuevo, que del todo eran siervos del demonio, y con él hijos de ira y de perdition, al stado de la libertad santa, y adoption de los hijos de Dios, y herederos con Christo nuestro Señor de su reyno y felicidad eterna". Carta do Pe. Diego Laynez aos Pes. e Irs. do Brasil e da India. Roma, 1-12-1558. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, III, pág. 8.

(96). — "... Perigos de cobras, de que há grandíssima cópia nesta terra, de diversas espécies, que ordinariamente matam com sua peçonha, de que frequentissimamente quase por milagre são livrados e alguns mordidos sem pegar; perigos de onças ou tigres, que tambem são muitos, pelos desertos e matos, por onde é necessário caminhar; perigos de inimigos de que algumas vezes por Providência Divina tem escapado; tormentos por mar e naufrágios, passagens de rios caudalosos, tudo isto é ordinário. . .". *Informações e fragmentos históricos*, Anchieta (Pe. José de), (Rio de Janeiro, 1866), pág. 20.

(97). — "... acontecia muitas vezes, a maior parte da noite não poder dormir de frio nos matos por falta de roupa e de fogo, porque nem calça nem sapato havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e contínuas, e com isto grandes enchenches de rios e muitas vezes se passam águas muito frias e por longo espaço pela cinta e às vezes pelos peitos, e todo o dia com chuva muito grossa e fria, gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo, sem haver outra que mudar. . .". *Ibidem*.

(98). — Regras comuns, regra 10a.

(99). — Lembrem-se, pelo seu especial significado para o conhecimento da cultura indígena, a "Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil" e "Vocabulário" de Anchieta; a "Gramática" da língua tupí" do Pe. Luis Figueira; os "Vocabulários" dos Pes. Pero de Castilho, Antônio Pereira e Inácio Leão; a "Gramática, Dicionário e Catecismo" do Pe. Manuel Viegas; o "Catecismo da língua brasílica composto por Pes. e doutos e bons línguas da

preocupação dos novos apóstolos. Conhecedores da língua dos selvícolas puderam inteirar-se rapidamente de suas crenças, e medir o abismo que isolaria inelutavelmente aqueles seres primitivos da teologia elaborada no Cristianismo. Compreenderam que os costumes sociais, políticos, religiosos, mentais e psicológicos do gentio, i. e., a antropofagia, a falta de autoridade política e da religião orgânica, sua rudeza mental e atavismo silvestre eram barreiras à conversão (100). Partiam da idéia que o índio possuidor de vontade fraca, insanável minoridade de espírito ofereceria resistências para abraçar uma fé elevada como a cristã na plenitude de seus artigos e mandamentos (101). No entanto sabiam-nos susceptíveis de se converterem porque eram homens e portanto possuidores de almas feitas à imagem e semelhança de Deus, capazes da glória para que foram criados. Uma vez que os índios não tinham capacidade para o perfeito conhecimento da religião cristã, simplificaram os jesuítas a doutrina e os seus ensinamentos. Desceram, aqueles homens para o terreno dos fatos, das realidades objetivas. A catequese revestiu-se de formas poéticas, musicais, dramáticas ou coreográficas, onde o gosto barroco dos doutrinadores requintava-se em aparatosas exteriorizações, tão ao agrado e tão adequada à mentalidade indígena (102). Maleáveis, toleravam o que não fosse intrinsecamente mau. Adaptação no secundário para a conquista do essencial. Seguiam-se os enterros, v. g., com músicas, as cantigas indígenas, cortava-se o cabelo conforme o costume da terra. Cousas mínimas mas que foram rotuladas pelo bispo Sardinha de adesão aos ritos gentílicos. Nessa adaptação os jesuítas eivavam a religião de embriões de paganismo.

Um mínimo de doutrina era exigido para o batismo dos adultos, porisso administravam o sacramento em números exagerados: em Itaparica, em 1561, nos dias 3 de maio e 14 de setembro, o Provincial Luis da Grã presidiu a 753 batizados. Pouco depois, o mesmo padre em Bom Jesus admitiu o ingresso no Cristianismo de 892 gentícos (103).

A cataquese prosseguia após o batismo, com o zelo pela profissão da lei cristã (104): aquí entram aldeamentos e a frequente educação

Cia. de Jesus... novamente concertado e ordenado e acrescentado pelo Pe. Antônio de Araujo, teólogo e língua da mesma Companhia". Rodrigues (Francisco), *A formação intelectual do jesuíta*, (Porto, 1917), pág. 379.

(100). — Cortesão (Jaime): *Jesuítas e Mamelucos in Introdução à História das Bandeiras*, II, pág. 253.

(101). — *Ibidem*.

(102). — Leite (Pe. Serafim): *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil*, (Lisboa, Rio de Janeiro, 1953).

(103). — Cabral (Pe. Luis Gonzaga), (S. I.): *Jesuítas no Brasil*, (São Paulo), 1925), pág. 95.

(104). — Quase um século depois pouco tinha mudado o aspecto do problema, pois assim se referia Vieira às missões jesuíticas do Rio São Francisco:

das crianças, veículos da propagação do Catolicismo. Uma religião epidérmica, que conseguia penetrar realmente as almas e os corações, disseminava-se. A doutrinação indireta, por meio dos filhos dos nativos era outra cunha por onde a deturpação se infiltrava na ortodoxia cristã.

Sem embargo do exemplo de abnegação, fervor e dedicação de vida dos doutrinadores (105), os doutrinados opunham-lhes rebeldias silenciosas ou explosivas. Evadiam-se (106). Recaiam na poligamia, concubinação ou adultério. Negavam liminarmente a conversão que implicava, como ato humano, em mudança de vida. Prosseguiram os jesuítas com seu zelo, convencidos de que nenhum trabalho era inútil quando realizado pelo amor de Deus e do próximo. Tratavam de responder suas ovelhas tresmalhadas. Suas queixas, ficaram na correspondência do tempo. O Ir. Vicente Rodrigues, por exemplo, em carta aos padres e irmãos de Coimbra dava conta desses sucessos da da proteção divina que se manifestava amiúde:

"Os dias passados fizemos alguns cristãos, dos quais alguns voltaram a seus costumes, e querendo o Senhor castiga-los, foi tão grande a mortandade deles, que foi cousa extranha, maiormente pelos filhos e filhas pequenas, que parece não terem culpa; mas querendo o Senhor povoar a glória e avisar os que lá quizessem ir, de maneira que guardem seus mandamentos, andam tão atemorizados, que deixaram seus costumes" (107).

O mecanismo da catequese e da cristianização era um mecanismo de tolerância. O modo de evangelizar não prescindiu dela.

"O fruto dessas missões consiste em faze-lo de bárbaro, homens, e de homens, cristãos, e de cristãos perseverantes na fé". In *Relação das Missões do Brasil para El-Rei pelo Provincial Diogo Machado, sendo Visitador o Pe. Antonio Vieira*. Apud Leite (Pe. Serafim): *História da Companhia de Jesus no Brasil*, (Lisboa. Rio de Janeiro, 1945), V, pág. 295.

(105). — O Ir. Vicente Rodrigues contava em carta ao Pe. Simão Rodrigues que um padre se disciplinara pelas aldeias, pedindo a N. Senhor fizesse com que os índios deixassem a antropofagia: "... praedicando que se castigava a si mesmo por Deus no castigar a ellos de tam grande mal". Bahia, maio de 1552. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*. I, págs. 316-7.

(106). — "Transferidos para um meio cultural a que não podiam ajustar-se senão com o tempo e através de dificuldades, às vezes invencíveis e em que o regime de vida entrava constantemente em conflito com suas crenças, usos e costumes, o sonho de evasão devia ser, para índios e negros, a única idéia capaz de projetar uma luz viva nas zonas místicas de seu pensamento — essas margens confusas em que se chocam o gosto áspero da liberdade e o sentimento da escravidão". Azevedo (Fernando de), *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil*. (São Paulo, s./d.), 2a. ed., pág. 37.

(107). — Bahia, 17-3-1552. In *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, I, 303.

Essa tolerância era traço que permanecia na catequese dos pretos. Os negros, no século XVI, talvez pelo seu menor número, talvez pela mentalidade aristotélica dos inacianos e pelas normas do direito vigente, não conseguiram, como os índios, galvanizar o melhor das atenções e dos cuidados da milícia de Jesus. De tempos em tempos, apenas, os jesuítas percorriam os engenhos para assistir aos escravos, batizando-os, confessando-os e casando-os quando havia mister (108). Não puderam ou não quiseram examinar a justiça da escravatura africana e aceitaram-na simplesmente como os colonos. Tão pouco causou preocupação aos, loiolanos a miscibilidade do negro com o branco. Aceitaram-na os clérigos, como aventuras, preocupando-se apenas em desencorajar essas ligações, condenando proposições já cristalizadas de não haver pecado — pelo menos mortal — na fornicação com negra. Fornicação simples ou não. Não houve como no caso do índio, pressão para que se constituísse família luso-africana. Apenas um pequeno arrocho na sensualidade dos portugueses era dado na catequese parênética das estações quaresmais ou dominicais.

Eram batizados os pretos, para cumprir exigência da lei. Doutrinados muito descuidadamente, o que parece explicar determinação expressa, sob sanção, baixada pelo Bispo do Brasil (109). Os que vinham de Angola recebiam o sacramento em grupos, antes de deixar as praias nativas (110) e assinalados no peito com a coroa real. Quanto aos negros provindos de outros pontos da África, os senhores tinham um ano para instruí-los suficientemente para ingresso na Igreja. Eram em geral catequisados pelos negros mais velhos, que já dominavam a língua portuguesa. Nas fazendas maiores eram regularmente instruídos na doutrina e iniciados nos rituais católicos: a função cabia ao capelão do engenho. Nas terras de cristãos novos eram por vezes impedidos de receber assistência espiritual. Simão Franco, cristão novo, feitor do engenho da Moribara, ao receber recado dos padres jesuítas Machado e Veloso para reunir os negros na fazenda que eles iriam visita-los, respondeu: que não queria confissões nem batismos nem casamentos em sua casa. Quem isso quizesse, que tivesse os pa-

(108). — "A segunda sorte de gente com que acima dissemos os padres faziam muito fruto, são os negros de Angola e Guiné, por haver grande número deles nesta terra e muito boçais, que quase se lhes não enxergava uso de razão. Estes estão espalhados pelos engenhos e fazendas de seus senhores; e porque não é possível virem às vilas e cidades, há alguns padres que ordinariamente correm todas estas fazendas confessando-os, casando-os, ensinando-lhes a doutrina e administrando-lhes os mais sacramentos. . ." Guerreiro (Pe. Fernão) (S. I.): *Relação anual das cousas que fizeram os Padres da Cia. de Jesus nas suas Missões nos anos de 1600 a 1609*. (Coimbra, 1930), I, pág. 375.

(109). — ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 2.936. Bahia, 1592.

(110). — Koster (Henry): *Travels in Brazil*, (Londres, 1816), I, pág. 98.

dres em sua casa. Antônio, negro ladino do dito engenho, ousou extranhar-lhe as palavras e foi porisso severamente castigado (111).

Pouco a pouco a religião católica serviu para dar aos homens de cor importância e destaque. O cuidado e o capricho com que se entregavam ao culto de determinados santos como S. Benedito, Sta. Edwiges ou N. Senhora do Rosário dos Homens Pretos, dá a medida de sua integração nas manifestações litúrgicas do Catolicismo. O gosto de pertencer à Irmandade é outro indício da mesma cousa (112). Em contrapartida, os padres aconselhavam aos senhores a permitirem e encorajarem os passatempos africanos. Estes, passaram a camuflar, muitas vezes, seus rituais religiosos proibidos.

Excluídos de vigilância em suas práticas religiosas, cristãs, ou no cumprimento das Leis na nova religião em que tinham sido iniciados (113), os negros deixaram facilmente todo seu fetichismo vivificar à sombra de disfarces mais ou menos conscientes. Tal fetichismo se transmitia às gerações ladinas já católicas, ou aos brancos com quem conviviam. Outros solapamentos à integridade da crença.

O treino de maleabilidade por que passaram os jesuítas no exercício de sua tutela indigenista acabou por torna-los responsáveis pelas introdução no Brasil de feição específica da espiritualidade tridentina.

Os colonos faziam concessões biológicas, os padres concessões espirituais. Ambos deixaram-se envolver inconscientemente, pelo paganismo que tingido de acobreado ou de negro esfregava-se na espiritualidade branca. E que acabou por mancha-la.

(111). — Denúncia de Simão Fernandes. *ANTT, Inquisição de Lisboa*, proc. 10.888. Pernambuco, 1594.

(112). — "A ambição do escravo visava geralmente ser admitido numa destas irmandades e tornar-se um dos funcionários e diretores de seus interesses. Até mesmo parte do dinheiro que o escravo diligente junta com o fim de comprar a liberdade, é muitas vezes tirado do esconderijo para pagar a decoração de um santo, a fim de que o doador se torne importante na sociedade a que pertence". Koster (H.): *op. cit.*, I, págs. 199-200.

(113). — Admitiam os brancos, por exemplo, o trabalho dos escravos nos domingos e dias santos. "Poucos senhores tendem a restringir o direito de seus escravos de dispor desses dias como melhor lhes parecer... O tempo que lhe é assim concedido habilita o escravo que tiver essa inclinação a acumular considerável soma de dinheiro". Koster (H.): *op. cit.*, I, pág. 91.